

1º Simpósio Internacional de Artes Urbanidades e Sustentabilidade
São João del-Rei, Brasil. 25, 26 e 27 de outubro de 2017

História e identidade local: A Folia como rede de sustentação do tecido social do Vale do Mucuri (MG)

History and local identity: Folia as a sustaining network for the social fabric of Vale do Mucuri (MG)

ARAÚJO, André Luiz Ribeiro de

Mestrando, Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) da UFSJ, andreclassrock@hotmail.com.

CAETANO, Paulo Henrique

Professor Adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), no Departamento de Letras, Artes e Cultura, leciona no curso de Comunicação Social (Jornalismo), na área de Ciências da Linguagem, e no Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, e no PIPAUS, phcaetano@ufsj.edu.br.

SOUZA, André Luis santos de

Mestrando, Programa Interinstitucional Museu Nacional da UFRJ/UFV, andreconatus@gmail.com.

RESUMO

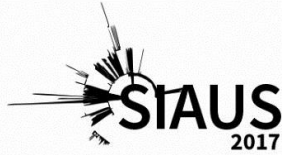
Este trabalho objetivou realizar exercício reflexivo abordando a religiosidade de comunidades praticante da Folia, da cidade de Carlos Chagas, no Vale do Mucuri (MG). Utilizou-se de categorias epistemológicas para compreender os elementos culturais presentes na prática – a etnografia, técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas foram mobilizadas como metodologias. Foi possível compreender como essa prática se relaciona com a diversidade étnica/cultural que caracteriza esta região. Analisou-se o ritual da folia enquanto mecanismo articulador de elementos, práticas, saberes, sentidos e significados, que remetem existência de um grupo e seu éthos de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: mito; folia; mudança social; processo ritual.

ABSTRACT

This study aimed to perform reflexive exercise addressing the religiosity of practitioner communities of Folia, in the city of Carlos Chagas, in the Vale do Mucuri (MG - Brazil). We used the epistemological categories for understanding on cultural elements present in practice - ethnography, participant observation techniques and semi-structured interviews were mobilized as methodologies. It was possible to understand how this practice relates to ethnic / cultural diversity that characterizes this region. Analyzed the ritual of Folia as a mechanism articulating elements, practices, skills, senses and meanings, referring existence of a group and its world ethos.

KEY-WORDS: myth; folia; social change; ritual.



1 INTRODUÇÃO

Registrar práticas culturais tradicionais, historicizando as suas trajetórias e decodificando seus signos, juntamente com as comunidades envolvidas é uma forma de o conhecimento científico contribuir para a preservação e sustentabilidade dessas manifestações, que sofrem sistemática constrição pelas forças da produção do capital industrial e urbano. Essas forças têm, ao longo do último século, deslocado cidadãos do campo para a cidade, precarizando a vida e fragmentando as práticas culturais e sociais, como observado no contexto da região do Vale do Mucuri (MG). E para que a sensação de pertencimento e identidade prevaleçam em meio a essa fragmentação, práticas como as Folias proporcionam convergência de grupo e fortalecimento de laços de solidariedade, uma vez que a simbologia que elas carregam conduzem a uma 'cristianidade' e a uma vida de lutas em comum, de um grupo que se auto reconhece majoritariamente como de ascendência indígena e afro-brasileira.

Em nome de uma sustentabilidade, pensada a partir de seus vieses cultural e social, esta proposta procura evidenciar manifestações artísticas tradicionais que contribuem para a construção de identidades convergentes, em meio a uma forçada fragmentação social e deslocamento territorial para as 'margens dos centros' urbanos. O Simpósio Internacional em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, idealizado para apresentar pautas de natureza prática e de pesquisa, provoca interações entre arte e ciência, o qual a sustentabilidade é uma atitude central, entendida como condição indispensável para a vida no planeta. Desta forma, constitui-se como excelente oportunidade para dar visibilidade a questões que revelam um arquétipo dos conflitos desencadeados no tecido social. E o Grupo de Trabalho "Espaço e Memória" é um ambiente deveras adequado para dar voz a essa questão, em que a Folia e os Foliões carregam consigo e fazem transmitir não somente a configuração de uma religiosidade, mas também uma memória e as vivências vinculadas a um território, em uma articulação cabal entre espaço e sociedade.

Como marco do início do processo de orientação do mestrando André Luiz Ribeiro de Araújo, recém-ingresso no PIPAUS, e do professor Paulo Caetano, seu orientador no Programa, este trabalho traz uma síntese de pesquisas realizados entre 2012 e 2014 como conclusão de curso de graduação do aluno na Universidade Federal de Viçosa. Na ocasião, fez um levantamento de cunho etnográfico, em parceria com André Luis Santos de Souza, mestrando do Programa Interinstitucional Museu Nacional da UFRJ/UFV, aliado a uma pesquisa histórica e sócio antropológica sobre os Foliões. A partir disso, interligado às experiências do mestrando com publicação de artigos, com a música e projetos de



extensão desenvolvidos na região do Vale do Mucuri, surgiu a proposta deste artigo, aliada a algumas passagens redigidas pelo orientador, no intuito de enriquecer a reflexão regional.

Dentro de uma perspectiva histórica e sócio antropológica para pensar a prática da Folia e as homenagens aos Santos, partimos de vivências de Foliões, habitantes de Carlos Chagas, na mesorregião do Vale do Mucuri, em Minas Gerais. Foi realizada uma análise interpretativa de alguns aspectos da “passada da Folia”. Para tanto foi necessário conhecer e vivenciar hábitos, costumes, valores, crenças, mitos e simbologias ligados às práticas desses atores sociais. Para analisar a Folia a partir de um grupo específico de Foliões, utilizou-se o conceito de “performance”, elaborado pelo antropólogo Victor Turner (1987). Tal conceito foi acionado para auxiliar na interpretação do ritual envolvendo a Folia que remete e narra em seu núcleo de significação um “mito de origem”.

Para o trabalho de campo junto aos Foliões, contamos com o método etnográfico e as técnicas de observação participante, diário de campo e entrevistas qualitativas. Analisou-se o imaginário social dos Foliões, assim como seus 'éthos de grupo' que caracteriza uma visão de mundo de um povo, suas disposições morais e estéticas, o caráter e a qualidade de suas vidas. Os agentes desse grupo, por sua vez, são produtores de um modo de vida e visão de mundo próprio, capaz de tornar-se convincente por apresentar-se “como uma imagem de um estado de coisas” verdadeiras (GEERTZ, 2008, p.66-67).

Os grupos sociais ligados à Folia pertencem a uma classe econômica menos favorecida que sobrevive um descontínuo entre rural e urbano. As Foliadas de Ademar, Reinaldo, Altamiro, Lídio, Leopoldino, Sarapião, Dona Kelé, Reinado, Abilio, Zé Preto, Antônio, Dé Ramalho e Joaquim Caboclo, remetem a aspectos culturais e de existência da comunidade. Estes cantadores já moraram ou ainda moram na zona rural dessa região e costumam trabalhar no trato da terra, como vaqueiros; e na cidade, como pedreiros e em serviços gerais. É importante considerar esta prática, sua importância social e histórica, tanto por sua difusão pelo território nacional, quanto pelos elementos simbólicos que remetem a um tempo e uma memória. Nesse sentido, a Folia é motivada pelo “pagamento de promessas”, a devoção de santos da igreja católica e a menção ao nascimento de Cristo.

No que segue, o artigo será dividido em três tópicos: o primeiro contextualiza os sujeitos e a manifestação da Folia e devoção aos Santos na mesorregião do Vale do Mucuri; o segundo elabora sobre o conceito de performance para compreensão dos aspectos materiais e imateriais que orientam as ações dos agentes envolvidos diretamente com esta prática; o terceiro e último tópico traz uma reflexão mais conclusiva sobre a Folia e seu universo simbólico, a partir de uma rede de interação social.

2 O GRUPO DE FOLIÕES DE CARLOS CHAGAS - VALE DO MUCURI (MG)

As culturas locais da região apresentam-se de forma diversificada, sendo a Folia um dos elementos característicos desta pluralidade. Essa prática tem a capacidade de fortalecer os vínculos, a memória e identidade de grupo por meio da “passada da Folia”, momento do auge em que o simbólico se junta à materialidade do evento. As pessoas envolvidas cantam, dançam e carregam a bandeira da Folia até as casas como forma de devoção aos Santos; devoção essa que se revela também nas brincadeiras, contos e símbolos presentes no éthos deste grupo. Ao mesmo tempo, remete a uma narrativa bíblica¹, que enuncia o nascimento do salvador do mundo na figura do menino Jesus (RODRIGUES & CORDEIRO, 1995; CHAVES, 2014).

Ao observarmos os grupos envolvidos diretamente com Folia em Carlos Chagas (MG), percebemos que a maioria dos praticantes são do sexo masculino e de baixo poder econômico. Isso pode ser percebido tanto pela localidade onde vivem quanto pela arquitetura de suas casas, com a expressão da simplicidade de uma vida adaptada entre uma vivência rural e sua adaptação à cidade. A mesorregião em foco, segundo De Mari & Grade (2011), é a mais pobre de Minas Gerais. O Vale do Mucuri (MG) foi tardiamente colonizado em relação às outras regiões de Minas Gerais. Sendo assim, o processo migratório que viria povoar e desenvolver a região nos marcos capitalistas se deu de forma peculiar. Nesse contexto, os imigrantes europeus, impulsionados pelo Estado, eram trazidos para a região, por meio do político oligárquico Teófilo Ottoni (1807-1869). Este, por gozar de influências políticas e econômicas, criou, no final do século XIX, a Companhia do Vale do Mucury (1846-1863). Essa foi a primeira empresa com apoio dos governantes da época a criar um projeto de “modernização” para a região. A Companhia e as elites regionais estavam “preocupadas em criar um caminho alternativo para acessar a praça comercial do Rio de Janeiro” (SILVA, 2009, p. 12).

Inseridos em um contexto de conflitos étnicos e econômicos, a paisagem cultural e ambiental foi sendo delineada, e atualmente abriga os agentes das Folias no Vale do Mucuri (MG). Estes, por sua vez, são responsáveis pela preservação de aspectos culturais constituídos outrora, mas que ainda influem na memória, que interliga o microcosmo dessas pessoas. Tal manifestação, entendida para além da religiosidade que fundamenta a festa, pode ser compreendida através das interações que envolvem este processo ritual e sua capacidade de mobilização das relações de trabalho, lazer e laços de sociabilidade. Com base nas narrativas dos cantadores, foi constatado que essa atividade já existia

¹ O ritual de Folia de Reis narra uma passagem bíblica do livro de Mateus, capítulo dois, versículos de um a doze, no qual descreve a viagem dos Três Reis Magos ao encontro do menino Jesus, “O salvador”.

há mais de cem anos². Tal prática social se conforma com as “interações face a face” dos agentes envolvidos com a Folia (GOFFMAN, 1982), motivadas pela “pagação de promessas”. Dentre as motivações que estimulam a Folia, há elementos de resistência a um modo de vida e crença, capaz de ligar a vivência ordinária dos Foliões com o sagrado. As Folias na região remetem a elementos coletivos, em um “rememorar [de] suas narrativas fundantes”, atualizadas e revividas “por meio de seus símbolos, ritos, gestos, cantos, ritmo e cor” (RODRIGUES & CORDEIRO, 1995. p. 57).

A prática da Folia, segundo aponta Rodrigues e Cordeiro (1995), e Silva (2013), foi incorporada no Brasil trazida da Europa. Na influência do teatro religioso cristão, na agregação, no serviço doméstico e no ensino de técnicas rurais eram os momentos de domesticação indígena e de misturas étnicas. Esse contexto do processo “civilizatório” do Vale do Mucuri pode ser ainda reforçado por algumas evidências históricas as quais apontam para uma influência dos jesuítas sobre os povos nativos da região entre 1870 e 1920 (RIBEIRO, 1995). A prática da Folia se aproxima das práticas presentes no meio rural, como uma maneira ressignificada do cristianismo, porém, diferente do catolicismo praticado nas igrejas das cidades. Dessa forma, a Folia possibilita reforçar uma identidade comunitária frente ao avanço do cientificismo e globalização. A Folia passou por um processo migratório da zona rural para a cidade, experimentando “choques” de mudança: um universo de pluralidades, variedades e novidades de todos os gêneros, presentes no centro urbano, lugar onde, por sua vez, “observa-se furiosa atividade de traçar e deslocar fronteiras entre as pessoas” como descritos por Bauman (2009, p.74-77).

3 O RITUAL DA FOLIA E A PERFORMANCE DOS FOLIÕES

Victor Turner (1974) afirma, com base nas ideias de Lewis Henry Morgan (1818 – 1881), que existem dois tipos de rituais: os “sagrados” e os “seculares”. Focaremos no primeiro tipo, por apresentar a concepção de “ritual” enquanto uma manifestação religiosa que acontece fora do cotidiano das pessoas. Porém, é capaz de responder a dramas da vida social, restituindo o equilíbrio do grupo e dos indivíduos, gerando uma relação de pertencimento e segurança diante dos dilemas da vida. O ritual tem em sua lógica central no simbólico, que representa memórias ligadas a uma “área de vida em comum” (TURNER, 1974, p.119).

² Um dos cantadores, o Sr. Joaquim Caboclo atualmente, como pode ser constatado em seus documentos, possui mais de 100 anos, ou seja, nasceu em 1916.

Partindo destes pressupostos, localizamos a Folia em um quadro analítico a partir dos conceitos de “ritual” e de “performance”, por proporcionar uma aproximação entre esquema teórico e analítico, focado nas experiências e significações. As interações analíticas se deram durante o trabalho de campo realizado na cidade de Carlos Chagas (MG). Acompanhou-se a “passada” que aconteceu na zona rural dessa cidade, organizada pelos próprios Foliões e pelas comunidades visitadas. Todos os Foliões carregavam seus instrumentos musicais e suas bagagens contendo roupas e utensílios para as estadias durante os dias da “passada da Folia”, que se realizou entre 13 a 15 de janeiro de 2014, na Comunidade Marques I, Marques II e Comunidade Quilombola Marques³ como podemos evidenciar neste registro abaixo.



**Figura 1: Membros da comunidade Quilombola Marques quando foram visitados pela Folia de Carlos Chagas (MG).
Fontes: Registros da própria comunidade local entre os dias 13 e 17 de janeiro de 2014.**

A partir disto, na ocasião foi traçado um mapeamento das relações dos grupos sociais. Constatamos que os Foliões entraram em contato ainda quando criança com a prática. Observando o quadro

³ Tal comunidade foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 15-07-2005, e certificada pela mesma Fundação através da Portaria nº 39, de 29 de setembro de 2005, sob a denominação de Comunidade Quilombola de Córrego Palmeirinha, conforme referência de Sônia Missagia Mattos.

biográfico⁴ deles, percebeu-se que a maioria vivenciou uma infância com condições econômicas limitadas. O primeiro desses Foliões mapeado foi Zé Preto (atualmente com mais de 82 anos), que atua como um dos principais difusores da Folia. Em um trecho de entrevista, Zé Preto (2013) fala que “durante estiver vivo, cantará Folia em devoção para ao santo”. Esse agente, em seus discursos enuncia elementos que remetem à sua relação com a Folia desde os 10 anos de idade. É possível verificar que a atuação de Zé Preto (2013), juntamente com Zé Cumprido, tornou-se fundamental na difusão da prática na cidade de Carlos Chagas (MG). Esse último é pai do cantador Ademar (2013), um frequente mobilizador da Folia. Segundo Ademar (2013), cantador de Folia desde os 11 de idade, seu pai teria nascido em 1922 no Vale do Jequitinhonha (MG) e migrado para região do Vale do Mucuri (MG) em 1939. Viveu no Vale do Mucuri até 1990, ano de seu falecimento. Zé Preto (2013) alega ter aperfeiçoado a prática com Zé Cumprido, por volta dos anos de 1939, quando sua família migrara para a região. Zé Preto aponta que “de primeiro o povo todo ano cantava Folia, Divino do Espírito Santo. Hoje é Folia mais é de São Sebastião, Santo Reis, Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Aparecida”.

A performance vinculada à experiência religiosa evidencia o sagrado, permitindo ao homem e mulher religioso(a) “encontrar o cosmo como era no princípio, no instante mítico da criação” (ELIADE, 1992 [1957]. p. 37). Fica evidente, durante a Folia, a presença de elementos religiosos nos Foliões. Não apenas em Carlos Chagas (MG), as Foliás se dividem dois tipos: a Folia que não faz uso da bandeira e a Folia de bandeira, (que se enquadra mais em nosso estudo). As Foliás de bandeira, que ocorrem na região observada, são dedicadas a São Sebastião, São José, São Pedro, Bom Jesus, Divino Espírito Santo, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e São Geraldo. Durante as “passadas” usam a bandeira com a imagem do Santo equivalente (CHAVES, 2014). Muitos dos elementos simbólicos e hábitos presentes na Folia são embalados por cantos e músicas instrumentalmente sincronizadas com o ritual. Dessa forma, muitos dos cantadores utilizam de instrumentos como viola, violão, rabeça e sanfona e, também, expressões vocais típica da Folia. O ritual remete a um tempo sagrado e, ao mesmo tempo, mitológico (TURNER, 1974; ELIADE, 1992).

⁴ Toda vez que darmos voz um cantador de Folia neste artigo nossa referência base documental e de dados apoia-se no trabalho monográfico e na publicação de artigo. Primeiramente o estudante defendeu o trabalho de conclusão de curso intitulado **HISTÓRIA SOCIOANTROPOLÓGICA DA FOLIA DE REIS DE CARLOS CHAGAS - VALE DO MUCURI, MG (1939-2014)**, apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa no ano de 2014, orientado pelo Prof. Douglas Mansur da Silva, do Departamento de Ciências Sociais desta mesma instituição. Existe um arquivo audiovisual e transcrições de entrevistas articulada para a produção desta monografia. Este material poderá servir de apoio para futuras pesquisas. Quanto ao artigo, se chama Mangalô: Resgate e Divulgação da Cultura Regional Mineira, foi publicado Regista UEPG. Ponta Grossa, volume 10 número2 - jul./nov. 2014 Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao>>.

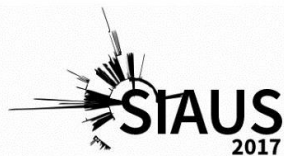


Esses cantadores desempenham o papel de articuladores da “festa aos Santos” e são porta-vozes do enredo presente na performance da Folia. Eles realizam a produção e celebração da Folia em diálogo com os donos das casas visitadas, de modo que, durante as “passadas”, seja possível encontrar alimentação e agasalho suficiente para todos caso precisem repousar nas casas visitadas. Ou seja, há uma carga produncional e logística que revelam enorme especialização dos participantes. Os momentos após as refeições sempre são descontraídos, e os Foliões contam piadas, cantam músicas diferentes dos “cantos sagrados”, tomam cachaça, cerveja e contam “casos” de vivências passadas. Desse cenário apresentado, podem ser levados em consideração diversos aspectos na configuração performática do ritual da Folia, sejam eles relacionados à devoção religiosa; às relações sociais e comunitárias; às práticas culturais e políticas; à criação de elos de solidariedade e consciência de classe; à elaboração de fantasias; à vinculação a um discurso fundador; à sensação de pertencimento a uma tradição reconhecida socialmente. Enfim, há uma miríade de horizontes para nos atentarmos quando nos aproximamos da Folia, em um contínuo que elabora desde a religião à arte e política, fazendo desse ritual um patrimônio que pode ser melhor valorizado e reconhecido, na medida em que essas complexidades são reveladas.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a Folia do Vale do Mucuri (MG) remete a um passado histórico em transição do século XIX, perpassando o século XX e até hoje no século XXI. Além da religiosidade, essa prática também revela aspectos lúdicos e de solidariedade. De forma atualizada, a performance da Folia envolve elementos indetitários da cosmologia dos povos de Carlos Chagas (MG). Caracteriza-se por apresentar em sua narrativa elementos artísticos, literários e litúrgicos que se manifestam de modo deveras particular. Nesse sentido alguns agentes desta prática se reconhecem como resistentes, pois trazem consigo diferentes formas de ser e estar no mundo, mesmo diante da contínua expansão da globalização. Ou seja, ainda que paulatinamente integrados à dinâmica do mundo globalizado, assentam suas bases culturais em uma manifestação que adotam como estruturante para suas vidas.

O caráter religioso de vários grupos ligados a esta prática, assim como seus hábitos alimentares, saberes e expressões artísticas, formaram-se a partir de uma relação direta entre diversos povos da região. É pertinente reafirmarmos que a “passada da Folia”, ao se deslocar do campo para a cidade, através da migração dos praticantes, possibilitou nova configuração no imaginário de seus praticantes, o que causou choques culturais em níveis locais diante de fenômenos relacionados à mencionada globalização. As questões levantadas neste trabalho nos estimulam a uma reflexão



crítica acerca da importância de se pensar uma preservação em pleno diálogo com os povos ligados às tradições locais, seja daquela região em questão como em qualquer outra. A prática da Folia carece de mais pesquisas e reconhecimento por parte da sociedade e do Estado. Avanços significativos têm acontecido em termos das políticas culturais, todavia, o imaginário ligado à Folia no Vale do Mucuri (MG) corre risco de desaparecer, conforme enunciado pelos próprios Foliões, uma vez que os vínculos das novas gerações já se dão em um território que vive outra dinâmica.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecimentos aos Cantadores de Folia de Carlos Chagas (MG), em especial a Joaquim Caboclo.

6 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Zahar (Jorge Zahar Editor). Fundação Editoração, em Adobe Garamond Pro e Avenir e impresso pela Bartira em fevereiro de 2009.

CHAVES, Wagner Diniz. *Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras*. Mana 20(2): 249-280, 2014.

DE MARI, Cesar Luiz; GRADE Marlene. *Universidade, conhecimento e cidadania*. Revista Imagens da Educação. doi: 10.4025/imagenseduc.v1i1.12345 / 2011.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. [1957] Trad. Rogério Fernandes. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 1992.

GEERTZ, Clifford, 1926 - A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - I.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MATTOS, Sônia Missagia. *Comunidade Quilombola Marques (Carlos Chagas – MG/ Sônia Missagia Mattos)*. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *Lembranças da terra – histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Ed: SEGRAC, 1995.

RODRIGUES, Cláudio Eduardo & CORDEIRO, Cristina Xavier. *O sentido mítico das folias de reis do vale do mucuri*. 1995.

SILVA, Juliana Martins. *Pluralidades culturais: tradição e práticas na Folia de Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO)*. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.26, n.2, jul./dez. 2013.

SILVA, F. Weder. *Colonização, política e negócios: Teófilo Benedito Ottoni e a trajetória da Companhia do Mucuri (1847-1863)*. In: dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História da UFOP. Mariana, 2009.

TURNER, Victor W. *O processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. In. Victor Tuner. Coleção Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1974. pp.13-60.

TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. In: *The Anthropology of performance*. Nova York: PAJ Publications, 1987 p. 72-98.